

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Coordenação de Pós-Graduação



1290004128

TCC/UNICAMP

St43i

FE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização



UNICAMP

2008

2009 & 11 17

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SANDRA REGINA VICENTINI STEPHANIN

A IMPORTÂNCIA DA DOCÊNCIA NA CONCEPÇÃO DO
SUJEITO HISTÓRICO NA PÓS-MODERNIDADE

CAMPINAS
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SANDRA REGINA VICENTINI STEPHANIN

A IMPORTÂNCIA DA DOCÊNCIA NA CONCEPÇÃO DO
SUJEITO HISTÓRICO NA PÓS-MODERNIDADE

Relatório crítico apresentado ao Curso de Especialização– “Fundamentos Científicos e Didáticos da Formação de Professores: Organização do Trabalho Docente”, como um dos pré-requisitos para conclusão da Pós-Graduação.

CAMPINAS
2008

A importância da docência na concepção do sujeito histórico na pós-modernidade

Sandra Regina Vicentini Stephanin¹

O que pretendo com este relatório é mostrar um pouco do trabalho docente que desenvolvi como Assistente Pedagógica (AP) para professoras-alunas (é assim que irei chamá-las no decorrer do texto) do Programa Especial de Formação de Professores em Exercício (PROESF) da Rede Municipal da Região Metropolitana de Campinas. Essas professoras-alunas lecionam na Educação Básica – alunos de 0 a 12-14 anos aproximadamente, nas redes municipais de ensino da RMC.

Trabalhar com esse público específico proporcionou o confronto entre teoria e prática, pois essas professoras-alunas tiveram oportunidade para desenvolver em suas salas de aula, aquilo que discutíamos em classe. Um exemplo disso foi sobre a construção da identidade do aluno, enfocando a importância do papel do professor em ajudá-lo a situar-se no espaço e no tempo, percebendo-se como agente produtor da história.

A disciplina que lecionei como AP foi Teoria Pedagógica e Produção em História, sob a orientação e supervisão da Prof.^a Dr.^a Ernesta Zamboni. Os temas abordados foram: memória, representações, documento histórico, identidade, espaço e tempo, literatura infantil, currículo.

A proposta desta disciplina é a de que todo professor deva ter a preocupação de ajudar as crianças a construir o seu conhecimento histórico apropriando-se de conceitos complexos como a identidade/diferença, o passado, o presente e o futuro num processo de sucessão e simultaneidade transformando os espaços e modificando as relações sociais. Tudo isso sendo mostrado de maneira a sair do senso comum para uma reconstituição crítica de como perceber a história, sem deixar de lado o que é primordial, situar o aluno em seu contexto histórico, usando seu cotidiano, para que a partir daí ele consiga estabelecer relações com outras épocas diferentes da sua.

¹ Coordenadora de Educação Infantil na Rede Municipal de Americana, Licenciada em Letras pela Universidade Metodista de Piracicaba.

IDENTIDADE

*Quem sou eu?
Agora e antes
Agora e sempre
Mesmo que mude a crença
Eu sou eu...
(Mirta Goldeberg)*

No primeiro dia de aula, fiz uma dinâmica de apresentação pessoal, com a intenção de sensibilizá-las às possíveis leituras que faríamos ao longo do curso. A dinâmica foi assim: Solicitei a cada uma que escrevesse em forma de narrativa, poema, acróstico, música, um fato ocorrido em algum momento da sua vida escolar. Todas se reportaram ao tempo da escola de ensino fundamental. As produções foram belíssimas, se revelaram artistas na escrita. Acredito que este resultado se deva ao entusiasmo com que realizaram a atividade (algumas produções estão em anexo). Esta dinâmica facilitou às alunas, compreenderem a essência do curso, pois foi possível falar, superficialmente, sobre memória, identidade, tempo, espaço, literatura, documento histórico e o sentimento de pertencimento.

Dentre os temas citados anteriormente, as questões sobre formação da identidade e noções de espaço e tempo chamaram-me mais a atenção, pois as professoras-alunas se surpreenderam com a abordagem dada a eles e esta “surpresa” permitiu-nos refletir sob uma ótica diferente daquelas que já trazíamos conosco, decorrentes da nossa formação a respeito do assunto.

Um dos textos estudados foi “Noção de Espaço e Tempo” de Schäffer e Bonetei que, baseadas nos estudos de Piaget, afirmam que a criança vai adquirindo e desenvolvendo noções de espaço e tempo à medida que entra em contato com o mundo. Concomitantemente, esse entrar em contato com o mundo permite à criança construir sua identidade. Porque é nele que ela reconhece-se como integrante de uma sociedade, que produz sua cultura num processo contínuo e permanente, o qual ela, também, faz parte como reprodutora, transmissora e produtora dessa cultura. Isso a faz sentir-se como indivíduo que pertence a um grupo, no qual também, produz história e, nesse processo constrói sua identidade. O diferencial, sobre identidade, foi o proposto por Stuart Hall(2005) quando discorre sobre o sujeito pós-moderno. Hall propõe que “a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais

somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam... A identidade, então, é definida historicamente e não biologicamente”.

A este respeito, Bauman (2002) diz que “à medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da ‘modernidade líquida’², nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua, que vai do perene ao transitório, com todas as angústias para a psique que tal situação suscita... Estar em movimento não é mais uma escolha: agora se tornou um requisito indispensável”. Para Pierre Levy (HICKIMANN, 2002) a informática contribui para a “modernidade líquida” que diz Bauman, pois ela nos permite analisar outras formas de viver sentir, pensar, produzir o tempo. Não há mais como tentar ensinar nossos alunos a linha do tempo como sendo linear, as coisas acontecem concomitantemente/ simultaneamente. A simultaneidade, às vezes, não é citada nas aulas de história, pois o professor procura passar os conteúdos seguindo uma ordem linear de fatos ocorridos em uma seqüência de datas. Procurar estabelecer paralelos entre a vida atual da criança, com fatos similares ocorridos em outros tempos e épocas, são substanciais para a compreensão do passado. Pois, a relação presente/ passado, isto é, o atual e o já ocorrido permite, ao aluno, colocar-se no lugar do outro e o entendimento dos processos históricos vividos em diferentes épocas, passam a ser assimilados com mais naturalidade.

Os livros infantis “Juca das Rosas”(MINERS, 1991) e “O amigo do rei”(ROCHA, 1993), permitiram-me exemplificar o que afirmei anteriormente. No primeiro livro é retratada a história de um menino negro, que morava em uma favela, era filho de uma negra que lavava roupa para ganhar o sustento da casa. O segundo livro, já retrata a vida de um menino negro também, porém, na época da escravidão. Ele era um menino escravo filho de uma escrava. Pois bem, o primeiro livro retrata a vida atual de muitos meninos da nossa sociedade, o segundo se reporta a um tempo longínquo, entretanto a possibilidade da comparação permite-lhes entender que, embora com suas especificidades os dois meninos, com características parecidas, são excluídos, marginalizados, cada qual em sua época histórica. O que pretendi pontuar aqui, é o fato de ainda existirem muitos Jucas e muitos Matias (protagonista do segundo livro) espalhados pelo mundo, independente de cor, credo, raça, etnia, mas que são frutos da

²Zygmunt Bauman = Modernidade Líquida para Bauman tem o sentido de fluidez, leveza ou ausência de peso, facilita, com rapidez, a mobilidade, a mudança.

produção social a qual vivemos desde tempos remotos (noção de longa duração = sistemas monárquico, imperial e capitalista).

Além de explorar a identidade dos protagonistas das histórias, é possível explorar, também, a identidade dos alunos estabelecendo paralelos entre elas, estendendo-se à vida em sociedade atual como em tempos longínquos, no caso a época da escravidão. Ernesta Zamboni, no seu texto “O ensino da História e a Construção da Identidade”, nos diz assim:

Em uma proposta de ensino que tem como objetivo a participação do aluno na construção do conhecimento, que identifica e relaciona diferentes sujeitos históricos não se pode trabalhar com uma concepção de tempo linear, único, homogêneo para todos os grupos... A história temática e problematizada permitirá que o professor e os alunos estabeleçam periodizações assentadas em marcos sociais e não políticos.

Não é possível mais concebermos a identidade como construção individual e que não se altera e nem em uma identidade coletiva concebida apenas por grandes marcos políticos, mas sim, como aquelas que recebem constantes influências, neste mundo globalizado, de outras culturas advindas de outras sociedades em que as diásporas permitem o hibridismo e, à medida em que isto vai se tecendo, os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, tudo isso acontecendo no cotidiano. Somos, frequentemente, confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, visto que não existem fronteiras que impeçam isso. Seguindo este conceito, temos que admitir a existência de diversidades de sociedades e culturas, e que nelas estão inseridas diferenças de identidades também.

As culturas atendem aos problemas da vida do indivíduo ou do grupo, e as sociedades necessitam da cultura para sobreviverem. Ambas estão intimamente relacionadas: não há sociedade sem cultura assim como não há cultura sem sociedade.

Portanto, o ensino de história deve ter como ponto de partida a própria história da criança, a cultura na qual está inserida. Enquanto ela não entender a sua história, não entenderá o processo histórico pelo qual passou a humanidade. Com base em estudos sobre a realidade cotidiana, fugindo da história dos “grandes” homens, dos “heróis”, dos marcos históricos e centrando-se na história do homem comum, do povo em seu cotidiano, os alunos realizam recuos no tempo e comparam suas vivências com as de

outros grupos, em diferentes espaços e tempos. É importante que o ensino de história favoreça um diálogo entre temporalidades diferentes como o tempo físico (cronológico), o tempo social (das vivências individuais e coletivas) e a dimensão histórica, em que o tempo aparece marcado pelas experiências humanas e pelas relações entre presente, passado, futuro. Para tanto, é preciso instrumentalizar o aluno para que possa compreender a noção de duração de tempo (curta, média e longa duração), a noção de sucessão, entender também as mudanças e permanências, o que é antigo, o que é muito antigo e o que é mais atual. Por isso, é preciso situar o aluno no momento histórico ao qual vive, fazê-lo perceber os fatos que acontecem ao seu redor através da construção da sua própria história e que nela está contida a idéia de sucessão. Outro dado importante para se compreender história é saber que as coisas acontecem umas depois das outras. O conhecimento do seu próprio nome, o reconhecimento das relações familiares e da sua posição no grupo familiar, dará a ele o sentimento de pertencimento motivando-o a aprender e facilitando na compreensão dos acontecimentos em seu entorno e em épocas mais remotas. A partir da observação de sua história e da realidade atual, orientado pelo professor, o aluno levantará dados do passado e “descobrirá” o que permanece igual e o que mudou em relação a hábitos e costume de sua família e dos grupos com os quais se relaciona. É neste processo que se dá construção da identidade, porque o aluno sistematiza os dados de sua própria vida comparando-os com os dados externos aos seus, situando-se no meio em que vive, conscientizando-se dos seus direitos e deveres de cidadão, incluindo o respeito às diferenças, além é claro, de perceber que, em nossa época, a nossa identidade sofre constantes influências.

O falar sobre identidade nos conduziu à questão da “diferença” - apresentado no texto de Tomaz Tadeu “ A produção social da identidade e da diferença” extraído do seu livro “Identidade e Diferença”(2000) – este foi outro ponto relevante em nossos estudos, o fato de perceber que a partir do meu olhar sobre mim, vejo o outro como diferente, e isso ocorre no sentido inverso, o outro também me vê como o diferente, e que a identidade e a diferença não são preexistentes, não estavam exposta, formuladas às claras desde sempre, mas elas foram construídas, criadas e recriadas socialmente. Este conceito causou um certo desconforto entre as professoras-alunas. Após muita discussão sobre o assunto, a conclusão a que chegaram foi que a identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social no qual o indivíduo está inserido e, com a disputa e luta em torno dessa atribuição. Portanto, não são fixas, estáveis, coerentes, definitivas, porque estão em construção, em processo de produção.

Outro ponto relevante na questão da identidade e da diferença foi em relação as hierarquias e classificações, pois existem identidades que se sobrepõem às outras e impõem-lhes suas culturas, de maneira tão sutil, que chega a ser aceito com normalidade. Um exemplo disso é a cultura norte americana influenciando a cultura brasileira, só que exercendo um papel de superioridade, de domínio, não de maneira explícita, mas de forma vela, “normalizada”.

Ver a identidade e a diferença como uma questão de produção (social) significa tratar as relações entre as diferentes culturas não como uma questão de consenso, de diálogo ou comunicação, mas como questão que envolve fundamentalmente, relações de poder. (SILVA, 2000, p.96)

O que nem sempre conseguimos enxergar é que, a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a relação de poder, a interesses de grupos sociais que desejam garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. Nessas relações o poder de definir a identidade e de marcar a diferença estão sempre presentes, o poder de incluir/excluir quando afirmamos uma identidade e marcamos outra como diferença; de classificar; de demarcar fronteiras e de “normalizar” a identidade dominante em detrimento da identidade de menor expressão ou influência. É comum em nossa sociedade ocidental o processo de fixação de uma determinada identidade como norma e, a normalização dessa identidade constitui-se uma das formas mais sutis pelos quais o poder se manifesta. Exemplos disso podem ser observados nas produções artísticas (pintura e literatura) brasileiras, influências européias dominantes.

Segundo Silva (2000) o grande diferencial de se trabalhar a identidade e a diferença é o fato de na escola não serem trabalhadas num contexto, simplista, de apelo ao respeito e à tolerância para com a diversidade, mas sim, problematizá-las, questioná-las para entender o porquê dessa divisão, ou talvez, classificação das formas dominantes de representação da identidade e da diferença. Tem que ser entendido que não estamos diante de situações estáticas, imutáveis, como se tivesse sido criado de forma natural, estamos sim, diante de criações sociais envolvidas em relações de poder, de interesses dominantes sobre os dominados. O que o autor sugere é que a identidade é “aquilo” que somos, e a diferença, “aquilo” que o outro é, contudo, ambas estão interligadas, pois uma depende da outra para se reconhecer.

Depois de discutirmos muito sobre este tema, o que ficou claro para as professoras-alunas, foi que a postura do professor, diante de seus alunos, deva ser o de

assumir como meta a transformação da consciência ingênua em direção à consciência crítica do aluno. Portanto, deve-se rever a sua prática pedagógica, considerando a identidade de cada um como meio de contribuição para o pleno exercício da cidadania, definir projetos educativos voltados à realidade social, econômica e política, além de assumir o papel de professor crítico e mediador da aprendizagem e do conhecimento, visando a formação de alunos questionadores, tendo sempre como meta adotar a fórmula ação-reflexão-ação.

Isso ficou comprovado nos relatos de experiências que fizeram ao aplicarem projetos embasados nos estudos feitos no nosso curso de História.

TEMPO E ESPAÇO

*Não sejas o hoje
Não suspires por ontens...
Não queiras ser o de amanhã
Faze-te sem limites no tempo...
(Cecília Meirelles)*

A questão relacionada ao Tempo/Espaço também trouxe momentos ricos com reflexões importantes considerando a maneira como o indivíduo compreende e percebe o tempo e o espaço. Estas noções (espaço e tempo) estão intimamente ligadas à formação da identidade, pois estão engendradas entre si, uma vez que a estruturação espacial e a temporal acontecem simultaneamente pela criança em seu processo de relação com o mundo (objetos e pessoas). As rotinas e brincadeiras, que acontecem dentro e fora do espaço escolar (desde a creche) e, no ambiente familiar e externo a ele, possibilitam à criança a compreensão dos vários papéis (os arquétipos) que representamos ao longo da vida, e à medida que se amplia essa compreensão, ela já passa a ser capaz de estabelecer comparações com outras pessoas e objetos em tempos e lugares diferentes do seu.

A construção da noção de passado, pela criança, é formada passo a passo, através das suas vivências, das lembranças familiares, das evidências encontradas no seu meio, no lugar em que vive, utilizando-se das representações, como: objetos familiares, monumentos públicos, fotografias, entre outros, que trazem à tona a

memória de um determinado tempo e também através da literatura infantil. Este último é um recurso poderosíssimo de que a escola dispõe para ajudar a criança, das séries iniciais, a conceber um conceito tão difícil e complexo que é o tempo, pois as gravuras e ilustrações sempre presentes neles são um material de análise importante, como as gravuras de época, por exemplo, trazidas nos livros de contos infantis clássicos. Aproveitar, também, as gravuras mais atuais para realizar uma observação mais atenta para discutir a intenção do ilustrador ao interpretar situações e personagens na obra literária, e colocá-las em diálogo com gravuras históricas acerca do mesmo tema, são materiais que ajudam muito o professor, na tarefa árdua de ajudar seus alunos a conceberem as noções de tempo e espaço marcados por pessoas em uma determinada época.

No entanto, o que um educador tem que saber é que a noção de tempo é construída quando a criança tem a percepção do seu “eu” bem formada, e tenha iniciado a construção de sua própria identidade. Segundo Zamboni, a reconstrução do passado é inteligível quando a situação no universo conhecido do aluno está diretamente relacionada aos seus interesses. Porque é claro que as formas de viver, sentir e pensar o tempo, ao longo da história, não são homogêneas, nem tampouco aparecem iguais nos diferentes grupos sociais que compartilham de uma simultaneidade temporal, pois existe uma dimensão subjetiva, em que outras questões, não apenas social e cultural, definem a relação de cada um com o tempo.

É importante que os alunos percebam as transformações que ocorrem na vida das pessoas, nas sociedades e em suas culturas, em função da passagem do tempo, das modificações que ocorrem no espaço, das diferenças de contextos no espaço e no tempo, das alterações do ambiente e dos grupos de convívio.

Nesse sentido, a escola é o ponto de referência porque deve ser uma instituição socializadora, pois é nela que há o encontro de certa diversidade cultural que pode servir para enriquecer os conteúdos da disciplina de história. É na evocação das tradições e costumes familiares diversos que os alunos conscientizam-se de quem são, quais as suas origens, a que grupo pertencem, que costumes os diferenciam e os igualam. A noção de passado é formada através das vivências das crianças, das lembranças familiares, das evidências encontradas no seu meio, as representações, tais como: utensílios, vestimentas, documentos, monumentos, fotografias, cartas, notícias, entre outras.

O modo como as pessoas se organizam e se comportam no seu cotidiano, são reflexos dos valores sociais e culturais que marcam as relações, transformando cada lugar (espaço) seguindo um ritmo no tempo.

Um trabalho muito interessante realizado por uma professora-aluna, foi uma atividade que desenvolveu junto a seus alunos, em relação à formação do bairro que a escola se encontra, pois se trata de um bairro recém-formado. Ela iniciou questionando-os sobre a identidade deles (alunos): quando nasceu; sua idade; os acontecimentos que marcaram sua vida; comparou as histórias dos alunos entre si. Depois perguntou: há quanto tempo ele mora naquele bairro; qual o tempo de existência daquele bairro; como aquele espaço era antes de ser ocupado pelas casas onde eles (alunos) residem; quem são e como são as pessoas que moram naquele local; de onde vieram; por que a escola se encontra naquele lugar; a divisão dos terrenos é grande ou pequena; o poder aquisitivo dos moradores deste bairro; além da escola e da casa das pessoas que lá residem, que outros estabelecimentos são encontrados lá; o que ainda falta para melhorar o bairro...Enfim, ao final a professora procurou fazer uma relação entre a história de cada um, com a história dos colegas, com a do bairro para, mais tarde, estender-se para a história da cidade.

O trabalho dessa professora-aluna foi realizado com alunos de uma terceira série do ensino fundamental, e durou em torno de duas semanas, até que ela apresentasse para as colegas na classe (no PROESF). Porém, o trabalho ainda não estava concluído, visto que ela conseguiu relacioná-lo com a história deles entre si, com a do bairro, depois com a de outros bairros, tendo a intenção de estender-se para a história da cidade, no caso Piracicaba. Ela estava encantada com o envolvimento dos seus alunos pelas atividades que desenvolviam na sala de aula e fora dela. Esta experiência deixou claro, tanto para a professora que aplicou como para as demais que a ouviram, que o sentimento de pertencer ao lugar, objeto de estudo, facilita o envolvimento dos alunos e, conseqüentemente, a apreensão dos conceitos.

Outros trabalhos foram desenvolvidos por outras professoras-alunas, só que na educação infantil. O instrumento que lhes serviu de base para iniciarem as atividades foram livros de literatura infantil. Este tipo de literatura sempre fez parte do trabalho diário dessas professoras, contudo, elas não sabiam da importância dessa leitura na construção de tempo dos seus alunos. Depois das leituras e discussões que fizemos em nosso curso no PROESF, ficou claro a elas que a história e a literatura são formas narrativas de conhecer o mundo, e fazendo isso ainda na educação infantil, estarão

propiciando às crianças, o contato com elementos como enredo, contexto, personagens e ação, facilitando a elas a compreensão dos dramas sociais vividos, formando os arquétipos dos quais precisa para entender e, até mesmo, aceitar os comportamentos dos adultos.

Dentre tantos livros possíveis para trabalhar com o conceito de espaço e tempo, destaco três, usados por elas em suas respectivas classes, para executarem o projeto planejado nas nossas aulas. Os livros “Lúcia já vou indo” (PENTEADO,1980), “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” (FOX, 1995) e “ Toda hora é sempre agora” (PORTES, 1998), são livros com textos interessante que permitem ao professor elaborar projetos, que possam auxiliar as crianças, ainda na educação infantil, a construírem em si noções de diferença, semelhança, transformação e permanência, ao longo do tempo, nos diferentes espaços.

A satisfação delas com os trabalhos desenvolvidos foi visível. As séries trabalhadas foram desde a creche (a partir dos 2,5 anos) até a quarta série do fundamental. Para cada faixa etária mudava-se a extensão e a complexidade da história, assim como das atividades aplicadas.

Em sala de aula, eu e as alunas do PROESF, pensamos juntas a respeito das possibilidades em se explorar a história do Gato de Botas para conhecermos um pouco os elementos históricos contidos nela, visto que é uma história adequada às faixas etárias dos seus alunos e é de fácil acesso. Com ela exploramos, também, as várias versões existentes permitindo-nos perceber as várias modificações no texto, da mesma forma explorar as diversas ilustrações feitas por ilustradores diferentes. Procuramos buscar, principalmente, elementos históricos contidos na história do Gato de Botas, partindo da compreensão mais ampla do texto literário e do contexto histórico da obra. Como por exemplo, a época em que esta obra foi transcrita da oralidade; a região que provavelmente foi sua criação; como viviam as pessoas daquela região; quais eram suas crenças; seus costumes e anseios; o que simbolizava as botas do gato; como o gato era visto; por que o gato usar botas; entre outras. Esta contextualização histórica ajudou-nos a dar sentido na construção da história, pois ela retrata a época em que foi criada, nos revelando um pouco de sua cultura.

Com esta atividade, eu procurei exemplificar como de fato a literatura pode ser usada como recurso para as aulas de história. É claro que esta história não é um documento histórico no sentido tradicional do termo, mas pode ser utilizada como um recurso didático, que serve de suporte para identificar elementos históricos e simbólicos

de uma época. Os “contos-de-fadas” são outro exemplo, eles facilitam as crianças, das séries iniciais, a formarem uma idéia a respeito da realidade medieval, tão distante de sua época.

...o contato com a literatura infantil facilita a construção do raciocínio histórico e a descrição mais elaborada de cenários históricos, capacitando o aluno a uma melhor compreensão dos temas históricos da atualidade e de outros períodos. (Hickmann, 2002: 89)

Enfim, após as leituras e discussões sobre os textos sugeridos para as nossas aulas, análise de livros infantis, reflexões sobre a prática docente, foi possível concluir que: construir novas compreensões temporais, perceber como os espaços se modificam, se adequam ou se constroem conforme a época em um determinado tempo, questionar o tempo a que estamos submetidos hoje, é desafio da educação. Para tanto é preciso que nossos alunos aprendam as diferentes medidas de tempo, do nosso e de outros grupos sociais, é preciso que eles entendam os artefatos que existem para medir o tempo, como calendários e relógios, a localização de acontecimentos e sujeitos no tempo e no espaço (lugar), relacionando acontecimentos e sujeitos aos seus contextos históricos. É importante, também, que construam a noção de permanências e mudanças, comparando diferentes épocas e temporalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os apontamentos citados acima a respeito da conscientização sobre a formação da identidade e sobre a construção da noção de espaço e tempo foram discutidos, em sala de aula, a partir das leituras que fizemos dos textos sugeridos pela Prof^a. Dra. Ernesta Zamboni (professora orientadora do curso Teoria Pedagógica e Produção em História) juntamente com as APs. Eu procurei a cada aula, fazer com minhas alunas, a leitura de uma história infantil e/ou poemas para ilustrar, exemplificar e estimular o estudo dos temas contidos na proposta do curso.

Os livros que utilizei foram: Asas de Papel(XAVIER, 1993), convidando-as para as leituras que faríamos durante o curso; A colcha de retalhos(SILVA & SILVA, 1995); O frio pode ser quente?(MASUR,2004); Guilherme Augusto Araújo

Fernandes(FOX, 1995); O Equilibrista(ALMEIDA, 1980); A história de cada um(RODRIGUES, 1996); Mikai Kaká(NETO, 1991); Juca das Rosas(MINERS, 1991); O amigo do rei(ROCHA, 1993); Toda hora é sempre agora(PORTES, 1998); Lúcia Já-Vou-Indo(PENTEADO,2006).

Percebi que este recurso estimulou-as a aplicarem em suas salas de aula, porque atrai a atenção das crianças, aguça a imaginação e os tornam mais receptivos a aprenderem os conteúdos.

Os bons resultados puderam ser constatados empiricamente pelas “professoras-alunas” em suas respectivas classes. Pois, elaboraram projetos que foram aplicados em suas aulas, usando como recursos didáticos textos literários, livros de literatura infantil, textos filosóficos, pesquisas diversas, além de outros materiais, conforme alguns exemplos citados no texto. Os questionamentos, recurso para reflexão, mantiveram-se sempre presentes, pois são imprescindíveis para a desestruturação e apreensão de conceitos, para a formação da criticidade e para a aprendizagem dos alunos.

Ficou claro que, em sala de aula é importante lembrar que o presente deve ser recorrente em todas as etapas do processo e ensino aprendizagem, de forma a estimular a reflexão entre passado/presente/futuro, não deixar de evidenciar que do passado recebemos o legado que foi e será transformado no presente e possivelmente modificado no futuro. Aqui entra a importância da mediação da educação. Faz-se necessário “na educação, de um modo geral, saber os seus direitos e instrumentalizar os futuros cidadãos para construírem uma ética democrática e a lutarem para fazê-los valer. Apropriarem-se das leis, para delas beneficiar a coletividade, atuando politicamente, em benefício de uma sociedade mais justa”. (FREIRE, 2000). Sabemos que o ensino de história pode contribuir muito para formarmos este sujeito desejado por Paulo Freire e por todos nós.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros.-Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005.

_____ Modenidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

BITTENCOURT, Circe (org). O saber histórico na sala de aula. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1998.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução, Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HICKIMANN, Roseli Inês (org). Estudos Sociais: outros saberes e outros sabores. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada.3.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

ROSSI, Vera Lúcia S. De, e ZAMBONI, Ernesta (org). Quanto Tempo o Tempo Tem! Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LITERATURA INFANTIL

ALMEIDA, Fernanda Lopes. O Equilibrista. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 1980.

FOX, Men. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Tradução, Gilda de Aquino. São Paulo: BRINQUE-BOOK, 1995.

MASUR, Jandira. O frio Pode ser quente? 17.ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MINERS, Lúcia. Juca das rosas. 4.ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

NETO, Hildebrando Pontes, Mikai Kaká. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

PENTEADO, Maria Heloísa. Lúcia Já-vou-indo. 28.ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

PORTES, Maxs. Toda hora é sempre agora. Belo Horizonte: RHJ, 1998.

ROCHA, Ruth. O amigo do rei. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RODRIGUES, Juciara. A história de cada um. São Paulo: Scipione, 1996.

XAVIER, Marcelo. Asa de papel. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1993.

SILVA, Conceil Corrêa da, e SILVA, Nye Ribeiro. A colcha de retalhos. São Paulo: Editora do Brasil, 1995.

ANEXO

EXEMPLOS

DE ACRÓSTICOS

DINÂMICA DE APRESENTAÇÃO PESSOAL

EXEMPLOS DE ACRÓSTICOS



Marilene Rosada Zambeta
3º semestre.
Turma G

26/08/2004.

FELICIDADE
BRINCADEIRAS
SONHOS
AMIGOS
COMPANHEIRISMO
AMOR

INFANCIA
QUE NÃO VOLTA MAIS
FORAM MUITAS
ALEGRIAS
NÃO ME LEMBRO DE
TRISTEZAS
MUITAS
LEMBRANÇAS BOAS FICARAM.



6/08/04

Maria Auxiliadora da Silva Pechingues

3º G

FORMAÇÃO

UNIÃO

ESPERANÇA

DINÂMICO

S A U D A D E

M A G I

E M O Ç Ã O

D A F I N E

T E N O R

A M I Z A D E

L I V R O S

LEMBRANÇAS QUE GUARDO NA

MEMÓRIA DE MEUS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLA

MEDO E INSEGURANÇA MARCARAM MINHA HISTÓRIA

BRINCADEIRAS NÃO FAZIAM PARTE DA ESCOLA

REPETIR E DECORAR NÚMEROS E LETRAS

NA DA A CRIAR POIS, NÃO TÍNHAMOS LIBERDADE

ANOTAR, ANOTAR O QUE O PROFESSOR PASSAVA

OMEÇ_?O DE JUNTAR AS PRIMEIRAS LETRINHAS E DE

SENTAR OS CÁLCULOS.

MA **S** SOMENTE O HOJE DESCOBRI. O GOSTO DE
R NUMA ESCOLA NOVAMENTE

M E DO,
IN S EGURANÇA,
C HEIRO BOM
DE P O LENTA,
AU L A DE MATEMÁTIC
E PEG A - PEGA.

EXEMPLOS DE MÚSICAS

VERSOS CANTADOS SOBRE A TRAJETÓRIA NA ESCOLA .
(APRESENTAÇÃO PESSOAL)

GIGI

*GIGI queria estudar,
Para histórias poder contar,
Choro, pulou , gritou !
E a mamãe enlouquecida ficou.
O seu pedido levou à diretora.
Vagas, não havia !
Opa ! ao menos que seja na sala especial ...
Aqui ela ficará bem,
Afiml, idade ainda não tem.
GIGI entrou, leu a data
E a frase da lousa.
História pediu para a Prô contar...
Afiml, queria ouvir para poder contar...
Gostou tanto, que não parou de tagarelar,
Comentou sobre os personagens,
Professora ficou intrigada e questionou :
- Você já sabe ler ?
- Algumas palavras sei ler e escrever ! Com minha irmã aprendi ...
- Me ensinou em sua lousa mágica !
De sala especial à sala inicial
GIGI mudou
E as histórias pode contar.....*

*Giane Maria Pantaroto Gonçalves Conejo
RA - 049 487
Turma H - 3º semestre*

Quando ouvi a professora,
Perguntar da minha infância
Eu me lembrei, lá da escola
Que estudava quando criança!

Os professores, daquele tempo,
Tinhams "status" de importância,
Pois ensinavam ler e escrever,
Tiravam o povo da ignorância.

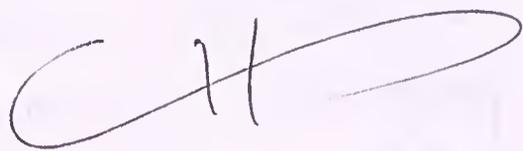
Aquele ensino tradicional,
Foi uma época que me marcou,
Que descoberta sensacional,
É que muita coisa já se mudou.

Sempre gostei de estudar,
Pois eu queria lecionar
Pra muita gente eu ensinar
Ler e escrever e também contar.

Com sacrifício e muito esforço,
Eu consegui me destacar,
Sempre tirava boas notas
Pra o meu pai se orgulhar!

É importante, o que vou contar
Porisso peço muita atenção,
Eu tinha trauma da leitura
Na cartilha e da lição!

Eu não sabia como ler,
Então decorava e repetia.
Quando chegava a minha vez
A professora acreditava que eu sabia.

A large, stylized handwritten signature or set of initials, possibly 'CH', written in black ink.

EXEMPLOS DE POESIAS

Apresentação Pessoal

Quando estava na terceira série
De um fato me lembrei
E por ser muito quieta, nunca trabalho eu dei.

Mas para minha infelicidade
Uma palavra eu errei
Passarinho, quem diria
Por você quanto eu chorei.

O passarinho voa
A professora não perdoa
Horrorizada comigo
Um grito dela ecoa.

O grito foi tão alto
Que assustada eu fiquei
Passarinho tem dois "S"!
E disso nunca mais me esquecerei.

GEISA NAIR MILLAN
CARVALHO
RA:049484
TURMA:G

MINHA HISTÓRIA

Quando eu era pequenina
E no pré eu ingressei
Minha mãezinha eu queria
Pois dela eu nunca me separei

Minha barriga doía
Em casa queria ficar
Parecia que ninguém me entedia
Então me punha a chorar

Nas minha atividades dizia
Que a lição não quis fazer
Socorro, me tirem daqui
Minha infância eu vou perder

Mãezinha vem me buscar
A professora me prendeu
E na sua impaciência
Um apelido me deu

Manteiga derretida, dizia ela
Isso ficou na minha memória
Hoje não choro, dou risada
Quando escrevo a minha história.

Joelma Alves da Silva dos Santos
R.A.: 049523
Turma: 3º Semestre H
A.P.: Sandra
Data: 25/09/2006

EXEMPLOS DE NARRATIVAS

Luna: Laura Maria dos Santos

Apresentação Pessoal.

Turma H

2006

A tempestade

Éra uma vez uma menina orfã de pai e muito tímida que se chama Laura. Ela morava com sua mãe e mais cinco irmãos em uma casa muito humilde.

Todos naquela casa levantavam com as galinhas ou seja antes do sol nascer. Inclusive, Laura porque enquanto seus irmãos mais velhos e sua mãe saiam para labutar na roça, ela ficava em casa com o cacula de três anos para preparar almoço.

A caminhada para a escola era longa, levando uma hora e meia para chegar no local. O que a obrigava terminar almoço às dez horas e com um tempo e trinta minutos se apressar para ir a escola.

Essa era a rotina dela, que apesar de sua timidez era uma menina muito feliz e cheia de vida.

Os dias de inverno eram os mais difíceis, mas a volta da escola para casa era sempre divertida porque Laura e seus colegas subiam nas fruteiras que cavavam nas encostas das estradas e

era tão bom que as vezes esqueciam até do tempo

Mas teve um dia que em que ela voltou triste para casa. Sua mãe até perguntou o motivo, mas ela nada falou. Entrou no quarto da mãe que era seu também e lá ficou com seus pensamentos.

Bate o sinal para o recreio, Laura e seus colegas saem apressados para aproveitar o mais rápido possível, só para sobrar mais tempo para brincar. Ao acabar o recreio todos voltam à sala inclusive ela. Alguns minutos depois ela levanta e pede a professora para ir ao banheiro, cujo pedido foi recusado com a alegação de haver uma regra, que após o recreio ninguém podia sair até o término das aulas.

Laura estava muito apertada e não queria sofrer a humilhação que sua coleguinha da outra classe havia passado há algumas aulas atrás, quando fez xixi na cadeira e todos ficaram rindo dela. Então ela quebrou a regra, só que na volta ela sofreu as consequências de seu ato. A professora não a deixou entrar na sala. Laura não sabia o que era pior, ficar sem assistir a aula de tomar uma chuva que ameaçava desabar sobre a escola. Havia muitos trovões e relâmpagos. Ela estava muito assus-

toda e por várias vezes bateu na janela, mas a professora não quis abrir a porta.

Quando a aula acabou pode para pegar o seu material, ainda chovia mas com menos intensidade, só os relâmpagos que ainda eram muitos. Sua roupa estava toda molhada e ela mal conseguia levantar a cabeça. Mas mesmo assim percebeu que ninguém estava rindo dela, apenas a olhavam salados talvez de pena ou de medo porque aquilo se parecia mais um furo do que uma professora.

Saura não quis contar o acontecido para a mãe por medo de zanzar, porque como todos sabem, na década de 70 havia um sistema muito rígido de disciplina tanto dos professores como dos pais. Então em quem acreditar? Na Saura ou na professora? A resposta parece óbvia pois ela se calou até o momento desse relato.

Alma

Apresentação

Gravile Zampieri - 3º H
RA: 049499 - 2006



Como de 1987, a
pequena Grasiela, estuda
da 2ª série "B", em Santo
Barbara d'Oeste, na
E.E.P.S.G. "Profa Benedita
Cramba de Oliveira Lima
(BAOL.)

Esta menina sempre foi
quieta, atenciosa e muito
dedicada aos estudos. E
gostava muito de sua
professora, a Dona Cid
Batagim, que carinhosamente
refugia-se a Grasiela
como: - "Minha flor de
Maracujá..."



A professora estava
desempenhando um tra-
balho, com as crian-
ças! Sobre o
"Diti de Pica-Pau
Amarulo".

Toda sexta - feira
a professora contava
um capítulo da
história e abordava
com mais ênfase uma
personagem. Era um li-
gel!

Porém, numa sexta-
feira chuvosa e fria,
saubram as crianças
que a professora havia
faltado...



As crianças a
guardavam na
a nova profes-
sa. De repente, a
tomou uma sur-
ta na falanda
alto, e co-
m uma vez
grava e -
te, procura

- Cada a d-
série da A
Ok! Não vou
então fiquem
a brava e comi
ndem um sile-
to para a class
Andem! Vamos

para cada cosa.

Después de eso

me van a decir

que no sé nada

de eso.

Entonces voy a

decirles que sí.

¡No se van a

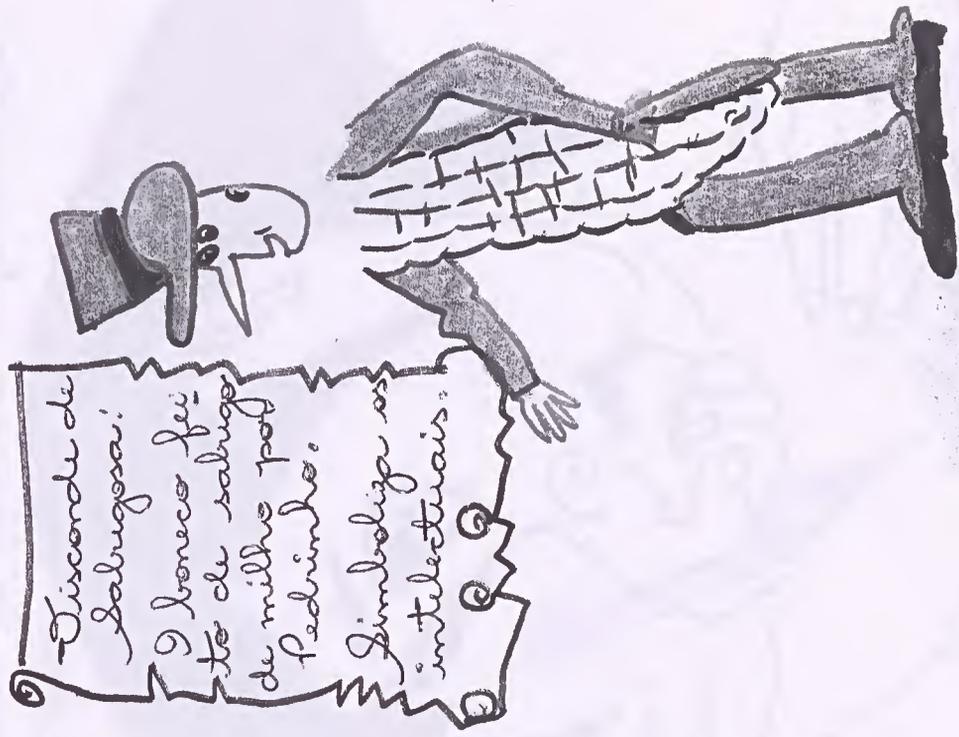
dar cuenta.

¡Eh, eh, eh, eh!



de terminar de contar a história, Dona
Madalena mandou que as crianças pintassem
o Tirso de Sabugosa, a grande personagem
do dia.

Todos sem
questionamentos
iniciaram a
execução da
ordem dada.



a pequena Grasiela começou a ficar inquieto porque a Dona Madalena passou o modelo de como o vestido deveria ser pintado.

E! Grasiela estava com problemas. Seu lápis amarelou estava com a ponta quebrada e o seu apontador, ficava em casa.

- E agora? Que é que eu faço? pensei a menina.

- Já sei! Vou pintar o vestido de bege. Pois se pedir um apontador emprestado, a Dona Madalena poderá achar que estou conversando e vai fazer sabe o quê?

Criar!!!

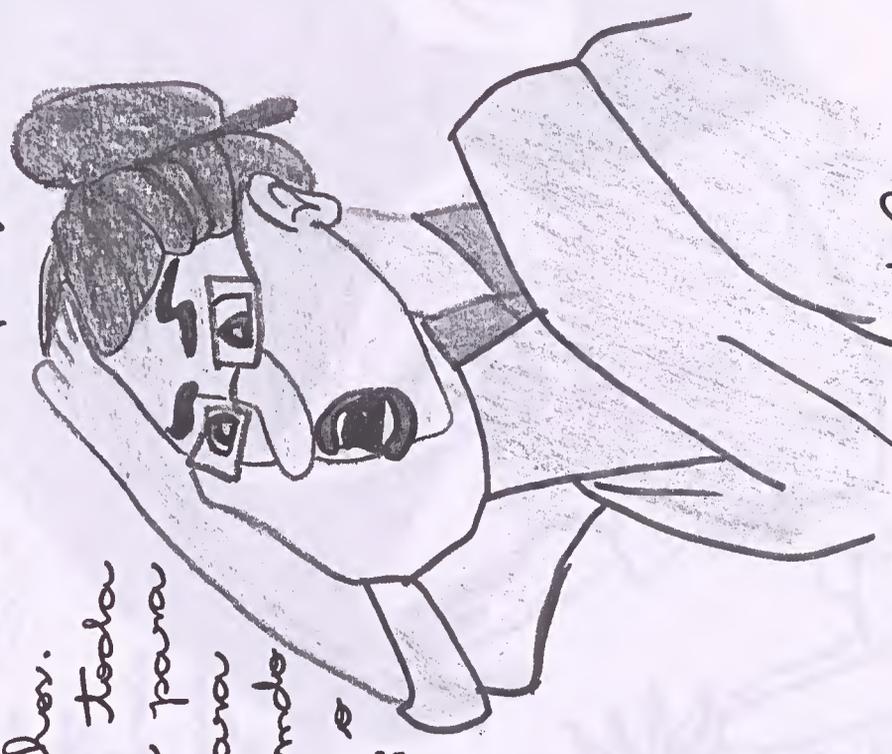
E assim procedeu a menina.



Conforme terminavam suas atividades, as alunas dirigiam-se para a mesa da professora para mostrar-lhe os desenhos.

Gracielle levantou-se toda contente e impulsionada para mostrar o desenho para

Dona Madalena, e quando ela o viu:

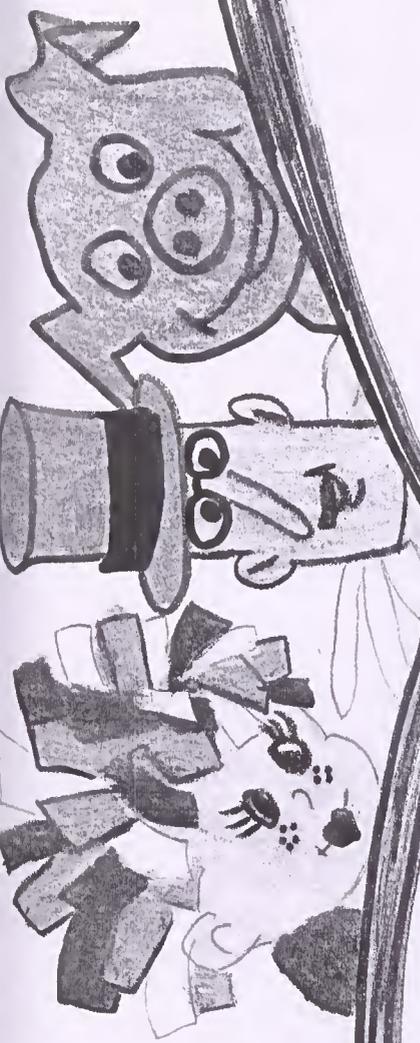


- Eu não acredito! Por acaso
minima você já viu milhe bege? Milhe
é amarelo, eiuu
GRITOU Dona Cida.

deu de suas mãos e
PASSOU-O inteirinho! De-
pois, entregou-lhe outro
deu, só que um bran-
co e mandou que Graciele
refizesse a pintura, São-
que agora CORRETA.

A menina, com
os olhos
chios de
lágrimas,
voltou pa-
ra o seu li-
gar, colou
o deu no
um branco no
caderno, e num
ca mais olhou
aquela folha
de seu caderno.





Embora reconheça a lula brava
de Monteiro Lobato, até os
dias atuais, agradeço
não gostar e não achar a
... "memorização"...

no
Sítio do Picapau

!

